



REPRESENTAÇÕES, ESPAÇOS E PROTAGONISMOS DO GÊNERO FEMININO NEGRO NA TESSITURA DAS PROSAS DA OBRA “MULHER MAT(R)IZ” DE MIRIAM ALVES.

Andressa Santos Vieira; Cíntia Camargo Vianna

Universidade Federal de Uberlândia, andressa_santos92@hotmail.com

Resumo: Tendo em vista que o sujeito negro e sua cultura, especificamente a Literatura Negra, são marcados por questões identitárias, culturais, políticas-ideológicas de natureza múltipla, nesse trabalho, trataremos das narrativas produzidas pela escritora Miriam Alves, em seu livro de contos “Mulher Mat(r)iz” (2011), no qual, ao longo dos textos é possível verificar um projeto estético que ultrapassa os limites para a representação da mulher negra e de seu corpo e sua subjetividade. Nesse viés, o presente trabalho, busca refletir sobre a ressignificação que a autora vai propor para as representações estereotipadas da mulher negra, presentes no Cânone literário. Com isso, pretendemos verificar como Miriam Alves, nas narrativas de “Mulher Mat(r)iz” (2011), desloca essas representações e as re-define em novos espaços, dando-lhes protagonismo, transitando pelos locais de fala, pelas ocupações e problemáticas sociais, para além do imaginário de subalternidade, objetificação e hiperssexualização tradicionalmente atribuídos às personagens negras. Para tanto, serão nossos principais interlocutores nas reflexões sobre problemas de representação na contemporaneidade e Literatura Negra e questões de representação produzidas por Ianni (1988); Benjamin (1994), Bhabha (1998), Proença Filho (2004); Duarte (2008), Evaristo (2009), Cuti (2010) De Sousa (2017), Alves (2010), Figueiredo (2010), Da Silva Oliveira e De Souza (2015).

Palavras-chave: representações, mulheres negras, Miriam Alves, contos, espaços.

Abstract: Considering that the black subject and his culture, specifically the black literature, are marked by identity, cultural, political-ideological issues of multiple nature, in this work, we will deal with the narratives produced by the writer Miriam Alves, in her book of tales "Mulher Mat(r)iz" (2011), in which, throughout the texts it is possible to verify an aesthetic project that exceeds the limits for the representation of the black woman and her body and her subjectivity. In this bias, the present work seeks to reflect on the resignification that the author will propose to the stereotyped representations of the black woman, present in the literary canon. With that, we intend to verify how Miriam Alves, in the narratives of "Mulher Mat(r)iz" (2011), displace these representations and re-define them in new spaces, giving them protagonism, transiting through the places of speech, occupations and social problems, beyond the imaginary of subalternity, objectification and hyperssexualization traditionally attributed to black characters. For both, they will be our main interlocutors in the reflections on problems of representation in contemporaneity and black literature and issues of representation produced by Ianni (1988); Benjamin (1994), Bhabha (1998), Proença Filho (2004); Duarte (2008), Evaristo (2009), Cuti (2010) De Sousa (2017), Alves (2010), Figueiredo (2010), Da Silva Oliveira e De Souza (2015).

Keywords: representations, black women, Miriam Alves, tales, spaces.

Introdução

Partindo de reflexões sobre representações e representatividades em narrativas – verbais e não verbais –, suas potencialidades e o modo como contribuem para a construção da memória e imaginário sociais, percebe-se que o apagamento e a desvalorização históricos contribuem fortemente na perpetuação de estigmas e estereótipos, principalmente ao



compreender-se que um sujeito historicamente preterido é desprovido de espaços de fala, protagonismos e reconhecimento. Tal fato pode ser experienciado na literatura canônica, que contribuiu na criação e enraizamento de tipologias amplamente reproduzidas.

Adentrando em ficções românticas, por exemplo, percebem-se personagens copiosamente reproduzidas como, por exemplo, o corpo-escravo (negro cativo), o corpo-objeto (apelo sexual), o corpo sem intelecto (escárnio), tipologias essas fortemente presentes do repertório simbólico da sociedade brasileira. A camuflagem da desintegração social é facilmente percebida na naturalização da associação da cor da pele com a escravidão, com a subalternidade, com a desumanização, imaginários esses criados e fortalecidos em narrativas clássicas cujos escritores, canônicos ou ativos na contemporaneidade, figuram a dita “elite intelectual” da escrita brasileira, branca e masculina, como reitera DALCASTAGNÈ (2005)

“Os números, indicam com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 33).

Nesse viés, faz-se necessário compreender que textos e imagens não são meras representações neutras de contextos e sujeitos, mas detentoras de opiniões tanto individuais quanto sociais. A literatura canônica brasileira, majoritariamente branca e masculina, difundiu o papel do negro na ficção como submisso e silencioso, fato que estende-se até a contemporaneidade, onde as mulheres são retratadas – quando o são – nas periferias da escrita e isso explicita um cenário de não-lugar desse sujeito não só nas produções propriamente ditas, mas na sociedade e na história, como reitera GOMES (2001)

Essa perspectiva que prima pela exclusão e trata as diferenças como deficiências transforma as desigualdades raciais construídas no decorrer da história, nas relações políticas e sociais, em naturalizações. As desigualdades construídas socialmente passam a ser consideradas como características próprias do negro e da negra. Dessa maneira, um povo cuja história faz parte da nossa formação cultural, social e histórica passa a ser visto através dos mais variados estereótipos. Ser negro torna-se um estigma. Se passarmos em revista vários currículos do ensino fundamental e médio, veremos que o negro, na maioria das vezes, é apresentado aos alunos e às alunas unicamente como escravo – sem passado, sem história – exercendo somente algumas influências na formação da sociedade brasileira. Numa outra face desse mesmo procedimento, o negro, quando liberto, é apresentado como marginal, desdobrando-se na figura do “malandro”. Essa postura reforça o estereótipo do não-lugar social imposto ao negro e impede que o vejamos como sujeito histórico, social e cultural (GOMES, 2001, p. 42).

A dinâmica da sistema escravocrata não limitou-se na exploração física dos corpos negros, mas buscou retirar desses sujeitos sua humanidade e intelectualidade. Por séculos a imagem dos mesmos foi – e a ainda é – fortemente associada a condição de inferioridade e



isso evidencia-se nas produções artísticas, cujo protagonismo é dado ao sujeito branco e, ao negro, estereótipos que vão da marginalidade ao animalesco/desumanizado quando não são “reconhecidos” pela ocupação ou outra característica genérica que o associa a um mero “tipo de”, como postula PINTO (2013)

Comparando-se personagens brancos, negros e mestiços, observa-se que praticamente todos os itens indicadores de uma posição de destaque na ilustração privilegiam os personagens brancos. Eles são mais frequentes, desempenham a função de representantes da espécie (os coletivos e multidões são homogeneamente brancos), ocupam posição de proeminência nas ilustrações que retratam grupos de personagens e são os mais ilustrados nos locais privilegiados do livro. A pouca evidência de personagens negros e mestiços ilustrados na capa ou ocupando posição proeminente na ilustração, quando em companhia de outros. O tratamento estético dispensado aos personagens, também confirma a importância do branco e contribui para reforçar os estereótipos e certas imagens associadas ao negro e ao mestiço, que são os mais frequentemente representados de forma grotesca e estereotipada. Por exemplo, nesses livros não aparece a mulher negra, mas a doméstica negra, representada de maneira estereotipada: físico avantajado e traços negroides extremamente marcados (PINTO, 2013, p. 88).

Refletindo sobre a trajetória dos negros na historiografia, percebe-se que não se trata apenas de apagamento ou invisibilização, mas estende-se às relações de poder, desumanização, preterimento, ações essas que enfraquecem e retiram a humanidade dos mesmos, transformando-os em “algo”, “coisas”. Na literatura se vê essa representação, que perpassa estereótipos que (re)montam esses corpos como “tipos”, desprovidos de cultura, intelecto, razão ou qualquer forma que o aproxime da condição humana e da racionalidade. Segundo CUTI (2010)

Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas (...). O sujeito étnico branco do discurso bloqueia a humanidade da personagem negra, seja promovendo sua invisibilização, seja tornando-a mero adereço das personagens brancas ou apetrecho de cenário natural (...). Aparece mas não tem função, não muda nada, e se o faz é por mera manifestação instintiva, por um acaso. Por isso tais personagens não têm história, não têm parentes, surgem como se tivessem origem no nada. A humanidade do negro, se agride a humanidade do branco, é porque esta última se sustenta sobre as falácias do racismo (CUTI, 2010, p. 88-89).

A Literatura Negra contrapõem essas representações (ou não representações), (re)alocando as personagens negras, dando-lhes protagonismo, visibilidade e humanidade. Trata-se de uma escrita de pertencimento, que sobressai – ou deveria – estereótipos comumente associados aos negros. Tais discursos de representatividade explicitam o desejo da negritude de desvencilhar-se de estereótipos historicamente enraizados e reproduzidos, tendo-se, ainda, a potencialidade de formação de um público leitor crítico.



Nesse sentido, sabendo-se do preterimento da mulher negra (ainda mais profundo que do homem negro) em todos os âmbitos, percebe-se a emergência tanto de escritas quanto de estudos direcionados, de modo a desconstruir imaginários sociais de estigmatização e invisibilidade, possibilitando o deslocamento para (novos) espaços, preferencialmente de protagonismo e fala. Compreender o modo como escritoras negras superam o cânone, criando representações de resistência, existência e transcendência é de suma importância para potencializar esse processo de desestereotipização da imagem das mulheres negras na literatura e, talvez, na sociedade.

Ao conceber que “no alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento extremamente rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus” (DUARTE, 2008, p.1), concomitantemente a consolidação enquanto campo específico da produção literária, vislumbra-se a importância de estudos sobre mulheres negras escritoras que, desde Maria Firmina dos Reis escrevendo o primeiro romance afrodescendente (Úrsula, 1859), tematizam a(o) negra(o), dando-lhe protagonismo, abarcando individualidades diversas vezes fraturadas pelo processo opressor.

A escritora contemporânea Miriam Alves proporciona vivências narrativas que provocam reflexões sobre a sujeita negra na sociedade. Em *Mulher Mat(r)iz* (2011), as protagonistas são mulheres que transitam por espaços, exteriorizam anseios e sexualidades, tratando-se de seres providos de questões múltiplas, não limitados a uma cor da pele ou ao preterimento, mas florescendo um ser social para o espaço literário. Trata-se nitidamente de discursos afirmativos da identidade feminina, como reitera a autora “os contos aqui agrupados, revelam o universo da mulher afro-brasileira em suas várias possibilidades vivencial-afetivas” (ALVES, 2011, p.13).

Nesse viés, é importante trazer à luz o papel da mulher negra intelectual que insere seu gênero em comum nas narrativas, compreendendo-se tal processo como engajamento na luta por mudanças sociais e, nessa perspectiva, deve-se pontuar que trata-se do olhar e escrita do e sobre o gênero feminino negro, diferentemente das produções canônicas, cujo olhar é, majoritariamente, branco e masculino. Tais narrativas sublinham um universo negro feminino cujas faces são múltiplas, de vivências-afetivas-sociais extremamente vastas, para além de um corpo marginalizado

Miriam Alves é uma voz que rompe com muitos códigos estabelecidos. Essa ruptura consciente e decidida se faz, inclusive, na escolha dos temas para seus contos. O feliz título dessa coletânea já abre aos leitores e leitoras um leque de possíveis interpretações, ao mesmo tempo em que direciona o olhar para um ponto fixo: os contos tratam, de uma maneira ou de outra, da mulher, da matriz, fonte, origem, umbigo. Mas não só. Da mulher apresentada numa palheta variada e múltipla, em



diferentes situações e circunstâncias, da mulher em seus muitos matizes, o que sutilha a ideia subjacente à imagem metafórica, apresentando um caminhar pelos vários lugares possíveis e os muitos espaços da mulher negra (ALVES, 2011, p. 13).

Ao compreender as diferentes perspectivas do olhar – o modo como a literatura produzida por mulheres negras difere, por exemplo, da de homens negros – percebe-se que as demandas específicas (como representar um sujeito historicamente preterido, (re)alocando-o e não criando novos estereótipos e problemáticas) são reconhecidas e escritas por aquelas que experienciam, sejam os preconceitos, barreiras ou outras questões que passam por corpos negros femininos especificamente, como reitera EVARISTO (2009)

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influenciou em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvincula totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora? (EVARISTO, 2009, p. 18).

É de suma importância tanto explicitar a existência da Literatura Negra quanto a presença e importância do gênero feminino negro na mesma, como voz ativa e transgressora e não mero “intruso”, enquanto sujeito que concebe textos com implicações ideológicas e estéticas que somente o corpo feminino e negro (re)conhece. Nesse viés, Miriam Alves trilha por religiosidades, sexualidades e ocupações, superando narrativas que condicionaram – e ainda condicionam – as personagens negras a determinados papéis e espaços. Tratam-se de 11 contos que, embora perpassem questões sociais e problemáticas históricas, tais como marginalização e relações de poder, não ancoram-se na imagem da negra subalterna, mãe ou corpo-objeto, extrapolando esses limites de representação.



Se a personagem negra não foi heroína ou musa na literatura canônica, na narrativa alviana ela vivencia relações homoafetivas e inter-raciais, orixalidade, abusos e opressões e, a partir dessa tessitura, a autora constrói um espaço de intervenção, cujas protagonistas materializam a força, afirmação e resistência, posturas ocultadas ao longo da historicidade literária e histórica.

Materiais e métodos

A metodologia que será adotada nessa pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa e análise literárias, uma vez que parte da compreensão da necessidade de estudos fecundos sobre a representação e os espaços ocupados pelas mulheres negras nas narrativas, partindo-se, ainda, do pressuposto que essas disseminam imaginários – carregados de símbolos e potencialidades – intermediando olhares e possíveis projeções sobre aqueles que são representados.

O presente estudo parte da coletânea de 11 prosas intitulada “Mulher Mat(r)iz”, de 2011, da escritora Miriam Alves

Mulher Mat(r)iz é a reunião de vários trabalhos publicados ao longo de vinte e três anos de minha vida literária. A maioria consta em publicações, já esgotadas, da coletânea Cadernos Negros, na qual comecei a publicar no ano de 1983. Outros foram traduzidos para o alemão e o inglês, sendo publicados em coletâneas na Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra (ALVES, 2011, p.21).

Os contos intitulados “Abajur”, “A cega e a negra – uma fábula”, “Alice está morta”, “Amigas”, “Milha flor, minha paixão”, “O retorno de Tatiana”, “Xeque-mate”, “Os olhos verdes de Esmeralda”, “Cinco cartas para Rael”, “Um só gole” e “Brincadeira” apresentam-se como espectros de vivências que perpassam a afetividade, os preconceitos, a orixalidade, o feminino, a solidão, a violência, dentre outras experiências e problemáticas comuns, não atreladas necessariamente a cor da pele, fator que torna a narrativa desconstruída, quando pensada como contraponto e/ou alternativa para as representações tradicionais. As trajetórias dessas mulheres não são estabelecidas, não definitivamente, pela negritude, tratando-se de uma escrita que (re)aloca e promove a movimentação dessas protagonistas por diferentes locais e questões.

Embora perceba-se esse deslocamento *a priori*, intenciona-se compreender a fundo o modo como a autora cria tais personagens e como as (re)insere em (novos) locais, desmarginalizando e desestereotipando-as, dando-lhes visibilidade, retirando o peso histórico



do ocultamento e silenciamento desses corpos que foram e ainda são cruciais dentro da sociedade e da literatura.

Concebendo-se que os contos transitam principalmente por questões em geral ignoradas pela classe dominante – como a ascensão e as vivências afetivas – estando presentes na narrativa alviana como algo natural, “próprio da ambição humana de progredir” (ALVES, 2011, p. 14), buscar-se-á compreender a tessitura da mesma, potencializando a presença dessa escrita no âmbito acadêmico, pois tratam-se de representações envoltas por diversidades, liberdade, anseios e existência – mulheres detentoras de espaços e voz, de autonomia – que contradizem séculos de silenciamento e preterimento, intermediando possíveis mudanças no imaginário literário tradicional.

Desse modo, trata-se de uma necessária imersão em referências que viabilizem compreender a representação canônica dos corpos negros – quais são seus contornos – de modo a conceber o processo de ficcionalização da autora Miriam Alves – como a escrita alviana (re)modela e (re)aloca essas sujeitas – percebendo-se a perspectiva de não limitação à vivências do gênero feminino negro apenas, mas uma ampliação de representatividade(s) para a sociedade como um todo, como reitera Miriam Alves (2011)

“A cadeia tripartida de preconceitos que acorrenta a condição específica da mulher negra e muitas vezes pobre é quebrada altivamente por Miriam Alves que, tematizando questões prementes e tensas como o racismo e o sexismo, ultrapassa o âmbito meramente afro-brasileiro, pois tais questões dizem respeito a toda a sociedade brasileira (ALVES, 2011, p. 15).

Nesse sentido, serão interlocutores nas reflexões sobre questões de representação na contemporaneidade e Literatura Negra os autores Ianni (1988); Benjamin (1994), Bhabha (1998), Proença Filho (2004); Duarte (2008), Evaristo (2009), Cuti (2010) De Sousa (2017), Alves (2010), Figueiredo (2010), Da Silva Oliveira e De Souza (2015).

Para adentrar no campo da produção literária que transcende os cânones, deve-se compreender os meios pelos quais consegue-se exceder os limites, ou seja, concomitantemente aos estudos sobre a obra *Mulher Mat(r)iz*, far-se-á reflexões pertinentes sobre as representações (clássicas) do gênero feminino negro, de modo a conceber como Miriam Alves desestereotipiza as personagens, como (e se) ultrapassa os limites da representação e como esses corpos cirandam pelos campos da ficção alviana. Para tanto, os contos serão apreendidos e compreendidos – dentro de suas singularidades e unicidades – de modo a revelar os moldes da autora, ocasionando uma possível ferramenta para a desconstrução do olhar sobre a personificação negra e, talvez, sobre o *corpus* da Literatura Negra Brasileira.



Resultados e discussões

Espera-se com a presente pesquisa (re)conhecer-se as características e nuances da tessitura da escrita alviana, de modo a compreender como a escritora realoca – e onde insere – as personagens negras nos contos presentes no livro “Mulher Mat(r)iz” (2011), compreendendo a importância da inserção de narrativas de e por mulheres negras em diferentes âmbitos sociais – acadêmicos e históricos principalmente – valorizando as produções do gênero e a Literatura Negra feminina, promovendo possibilidades de novos enredos e imaginários.

Conclusão

Partindo da natureza da literatura, uma tessitura de palavras, e reconhecendo a complexidade e os símbolos que a permeiam, buscar-se-á compreender como a escrita alviana provoca rupturas nos padrões estéticos de representação da mulher negra. Para isso, se trilhará por referências que tematizem a presença do corpo negro feminino na ficção, de modo a criar reflexões sobre possíveis novas éticas e visões sobre a representatividade feminina negra nas narrativas contemporâneas.

Referências

ALVES, Míriam. **Mulher Mat(r)iz**, Coleção Vozes da Diáspora Negra – Volume 5. Ed. Nandyala. Belo Horizonte. 2011.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina (2005). A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez.

DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 11-23, 2008.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2001.

PINTO, Regina Pahim. A representação do negro em livros didáticos de leitura. **Cadernos de Pesquisa**, n. 63, p. 88-92, 2013.